

Tijolo a vista - as olarias na cidade de São Paulo na década de 1850/60

ADRIANE DE FREITAS ACOSTA BALDIN*

Nos primórdios, as casas da cidade de São Paulo eram cobertas de sapé. Vinte anos após a fundação da cidade, há registros de uma primeira olaria que fabricava telhas, cujo proprietário era Cristóvão Gonçalves. O sucesso da empreitada pode ser medido pelo fato de que, por volta de 1590, muitas casas já eram cobertas por telhas, segundo Atas da Câmara do período. Em 1593, os oleiros já estavam organizados e tinham um juiz-de-ofício na povoação (BRUNO, 1991)

Em 1764, a olaria dos beneditinos, instalada na região de São Caetano do Sul, produz telhas e tijolos, e atesta que sua produção era de cerca de 220.000 réis por ano. Os beneditinos tinham sua olaria na fazenda de São Caetano, em terreno doado à ordem, em 1631, por Duarte Machado e sua esposa Joana, dando origem posteriormente à cidade de mesmo nome.

Em 1876, o governo imperial adquiriu as terras dos beneditinos, para ali implantar uma colônia de italianos. Eram 26 famílias, que se instalaram provisoriamente na casa da fazenda. A fazenda de São Caetano, transformada em núcleo colonial, ocupava, naquele momento, a considerável área de 10,90 km² (AZEVEDO, 1958).

Com o decorrer dos anos, os oleiros, que apenas fabricavam telhas, começaram a fabricar também o tijolo, porém esse material era utilizado somente em pequenas obras, e nunca para a construção integral de um edifício.

Desde o século XVIII, o tijolo foi empregado como material auxiliar na execução de arcos, abóbodas, paredes de guarda e pisos de várias pontes paulistanas. A primeira referência desses usos aparece nas Atas de 1736, quando é relatado um furto de tijolos da ponte Nossa Senhora da Luz e, em seguida, é pedida a sua recuperação. (D'ALAMBERT, 1993: 51)

*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, pós-doutoranda, FAPESP. Esta artigo é parte do pós-doutoramento desenvolvido pela autora na FAU-USP, com patrocínio da FAPESP.

No início do século XIX, o tijolo já era utilizado em obras de infraestrutura urbana, tais como bueiros, chafarizes e encanamentos de água. O uso da alvenaria de tijolo na construção integral do edifício começou a ocorrer na década de 1850.

Até 1850, São Paulo era uma cidade tradicionalmente construída em barro socado. Por certo, deve ter havido alguma reserva com relação à mudança do método construtivo, por parte da população, acostumada aos edifícios centenários de taipa. Porém não se verifica nos jornais, ou mesmo nos documentos da época, reclamações quanto ao uso do tijolo nas edificações. Possivelmente, a população paulistana sofreu um grande golpe, com a queda de muitas casas de taipa, em consequência das chuvas do início de 1850, ou o desejo de progresso foi bem disseminado entre os paulistanos, naquele momento.

No Correio Paulistano, jornal que circulava na época, há uma tendência a louvar o progresso e as ideias vindas do velho mundo e da América do Norte. No referido periódico, são frequentes os artigos cobrando, das autoridades municipais e provinciais, atitudes no sentido do desenvolvimento e da modernização da cidade e da província. Havia artigos ironizando o suposto progresso, porém nenhuma crítica direta ao material ou método construtivo. Boa parte dos autores desses artigos utilizava-se de um pseudônimo, para permanecer no anonimato.

Constatou-se que, durante a década de 1850, havia olarias bem estruturadas funcionando na cidade, com uma produção razoável de tijolos.

Foi localizado, no Instituto Martius Staden, um documento importante para esta pesquisa. Trata-se de um diário produzido por Hermann Bastide, um dos mais bem preparados engenheiros que atuou na província, na década de 1850.¹

O intuito desse diário era dar a conhecer a seus familiares, que tinham ficado do outro lado do Atlântico, as atividades e as dificuldades que estava passando no Brasil. Endereça o diário a sua mãe e irmãos.

¹ “*Tagebuch des Germano (Hermann) Bastide aus Santos (januar-april 1851)*”, Instituto Martius Staden. Para maiores informações sobre Hermann Bastide, consultar o artigo da autora: “Tijolo a Tijolo- os imigrantes pioneiros no uso do tijolo na cidade de São Paulo em 1850”, XXII Encontro Estadual de História da Anpuh São Paulo, 2014 - Santos

Esse documento apresenta-se como uma rica fonte de informações. Dá a conhecer a visão desse estrangeiro, frente às realidades encontradas por ele na província de São Paulo. Cita, por exemplo, que a província não contava com papel de desenho, e que este era trazido do Rio de Janeiro. Bastide, ao receber o papel vindo da corte, comercializava o material para o Rio Grande do Sul, que se encontrava em situação semelhante. Conta também que não tinha uma régua grande, nem esquadros, e que montava esse material a partir de outras ferramentas, não especificando quais seriam.

Menciona que tinha sido contratado por um proprietário de olaria de nome João da Silva Pinto, para projetar e executar um forno novo para sua olaria, localizada no sítio Santa Rita, em Santos. Tendo ido conhecer a olaria de Santa Rita, registra que, naquele lugar, se produziam 400 tijolos por dia, mas que a produção deixava a desejar, sendo o barro, segundo ele, de má qualidade. Conta que, quando visitou o local, estavam produzindo tijolos para a feitura de um muro, mas não especifica a localização da construção. Reclama da mão de obra escrava e portuguesa utilizada na feitura dos tijolos, que diz ser ruim.²

No mesmo ano de 1851, Bastide foi contratado pelo português João Antônio Mendes Pereira, que, segundo o engenheiro, era “pão-duro e solteirão”, para projetar e executar uma olaria em sua propriedade, em São Paulo. Ele não menciona sua localização exata, dizendo somente que ficava perto de uma estrada pavimentada ou calçada. Na ocasião, Bastide veio para São Paulo, pois até então morava em Santos. Executou os desenhos e ficou aguardando a autorização do presidente da província para a execução da obra. Após alguns dias, ele registra em seu diário que o português Mendes havia conseguido a autorização para a construção de sua olaria.

No *Almanaque Comercial da Província para o ano de 1857*, encontrou-se referência à olaria de João Antônio Mendes Pereira, localizada no Tatuapé, e que seria, portanto, um estabelecimento de razoável importância. No Memorial Paulistano, editado em 1866, a olaria de João Antônio Mendes Pereira encontra-se na Mooca, possivelmente trata-se do mesmo estabelecimento.

Quando Bastide relata que a olaria do português Mendes ficava próxima a uma estrada pavimentada ou calçada, deveria referir-se à estrada conhecida como “caminho para as olarias do Tietê”. Em mapa datado de 1876 é possível verificar que havia uma localização, próxima ao

² O que restou da olaria Santa Rita está em processo de tombamento pelo CONDEPHAAT, nº de processo 59405/09

rio Tietê, onde se concentrava um bom número de olarias. Essa estrada iniciava-se no marco da meia légua, na estrada do Caminho da Penha. Possivelmente, essa estrada já existia em 1850.³

A proximidade do rio facilitava o escoamento da produção e, do local, era retirada a matéria prima para a feitura de tijolos e telhas.

“Os estabelecimentos oleiros localizavam-se preferencialmente nas imediações de rios ou córregos devido às vantagens de porteamento e à abundância de água e matéria-prima (argila)”. (D'ALAMBERT, 1993: 74)

Mesmo nos anos anteriores a 1876, boa parte das olarias se localizava na região da Penha, próximas ao Tietê.

No Correio Paulistano de 4 de novembro de 1862, há o anúncio de uma olaria pertencente a João Pires Maciel, localizada na Penha:

João Pires Maciel com fábrica de telhas e tijolos novamente estabelecida no caminho da freguesia da Penha de França, vende estes materiaes todos de 1º sorte, afiançando-se sua qualidade. Recebe-se encomendas na casa de negócio do Sr. Dediel Gabriel Alfach, pateo do Carmo, cuja amostra póde ser presente à quem quiser examiná-la

(CORREIO PAULISTANO, 4/11/1862, Anúncios, p. 3)

No Correio Paulistano, foi encontrado um anúncio de outra olaria, vizinha à de João Antônio Mendes Pereira:

OLARIA

O abaixo assignado tendo edificado uma olaria no districto de Santa Iphigênia, na margem direita do rio Tietê em frente a olaria do Sr. João Antonio Mendes faz público que já tem porção de telhas e tijolos prontos, a qualidade do barro é da melhor que tem apparecido nas fábricas ao redor da cidade, e para se verificar isto podem os interessados dirigir-se a casa do Sr. Lourenço Domingos Martins, Rua do Rosário nº 9 onde se achão as amostras dos produtos desta olaria. Aprompta-se encomendas em grande escala com brevidade.

Quem as pretender póde dirigir-se à rua acima mencionada ou a referida olaria.

³ “Planta de uma parte de terrenos devolutos situados na várzea, entre o lugar chamado de Belém e o das olarias do Tietê “. Fonte: Arquivo Municipal Washington Luiz

São Paulo, 20 de setembro de 1857.

Joaquim Floriano d'Araújo Cintra

(CORREIO PAULISTANO, 31/10/1857, Anúncios, p. 4)

Araújo Cintra, vizinho do português João Antônio Pereira, teria sido suplente de deputado nos anos de 1846 e 1847, sua olaria figurava entre as nove olarias destacadas no almanaque comercial do ano de 1857. O periódico registra a propriedade no bairro da Penha.⁴

Naquele momento, a fabricação e comercialização de tijolos na cidade de São Paulo devia ser um negócio lucrativo e dinâmico. Nomes importantes da sociedade paulistana tinham olarias, que funcionavam em chácaras ao redor da cidade.

Pelo que se pôde apurar, o Araújo Cintra vendeu sua propriedade, provavelmente no ano de 1858, ao Comendador Fidelis Nepomoceno Prates, proprietário de uma olaria que ficava no sítio de nome Bella Vista.⁵

OLARIA

Na olaria que foi do Sr. Joaquim Floriano de Araújo Cintra, hoje pertencente ao tenente-coronel Fidelis Nepomoceno Prates, continua-se a fabricar tijolos e telhas: para encomendas podem se dirigir a Lourenço Domingues Martins, Rua do Rozário, nº9

(CORREIO PAULISTANO, 01/08/1858, Anúncios, p. 3)

Os tijolos e telhas produzidos na olaria do Prates eram comercializados em um estabelecimento situado na Rua do Rosário, número 9, pertencente a Lourenço Domingues Martins. Neste local, devia funcionar uma loja de materiais de construção. Havia toda variedade de produtos destinados à construção civil, soleiras lavradas, pedras de cantaria, cal, telhas e tijolos sob encomenda. Na mesma rua, no número 7, era possível encomendar tijolos da olaria de Marcelino Gerard. Possivelmente, trata-se do mesmo estabelecimento comercial. Talvez tenha havido um erro na publicação do endereço:

⁴Apesar de o anúncio do jornal localizar a olaria de João Antônio Mendes Pereira na frente da olaria do Cintra, aparece no almanaque como sendo no Tatuapé. Possivelmente, trata-se da mesma propriedade, ou o Sr. João Antônio era proprietário de duas olarias, uma no Tatuapé, e a outra na Penha.

⁵ *Correio Paulistano*, Anúncios, 8/12/1858.

Rua do Rosário, nº 7

Agencia da antiga e bem conhecida fábrica de tijolos de Marcelino Gerard.

A casa acima deve ser dirigida toda e qualquer incommenda ou pedido. Na mesma casa se fornece tijollo, telha, cal, pedra, e mais materiaes para construção.

Quem pretende empreitar obras de pedreiro, carpinteiro, pintor, aterros, escavações, etc., pode dirigir-se a mesma casa onde lhe serão dados os necessários esclarecimentos a respeito.

Agencia-se a venda de todo e qualquer traste em uso ou fora dele, mediante uma porcentagem, e não se duvida dar alguma quantia por conta da venda

(CORREIO PAULISTANO, 25/07/1862, Anúncios, p. 4)

Outra característica interessante a ser destacada é que as chácaras que eram postas à venda, em São Paulo, tornavam-se mais atrativas, quando tinham infraestrutura de olaria. Em muitos anúncios, esse era o diferencial para a venda da propriedade:⁶

Vende-se um lindo sítio denominado Rio-Abaixo, nos Pinheiros, uma legoa distante d'esta capital, com muito boas casas de morada, toda socada, com muito bons cômodos, parte forrada e assoalhada [...] contendo ricas pedras brancas, tem muito bom barro para olaria, tendo para isso o competente forno com alguma canna e seu competente engenho [...]

(CORREIO PAULISTANO, Anúncios, 06/05/1862)

Outro fato curioso referente à produção de tijolos é que muitos empreiteiros que trabalhavam com esse material tornavam-se proprietários de olarias. É o caso de Marcelino Gerard.

Marcelino trabalhou por muitos anos para o governo e para a municipalidade. É citado como empresário de obras, ao lado de Valentim Kans, no *Memorial Paulistano para o anno de 1866*, publicação semelhante ao *Almanaque Comercial*. Valentim Kans era mestre pedreiro, tendo vindo possivelmente angariado pela Casa Vergueiro, em 1855.

⁶ Ver também *Correio Paulistano*, Anúncios, 10/07/1862, entre tantos outros anúncios de vendas de chácaras com olaria, do final da década de 1850 e início de 1860.

Marcelino Gerard era proprietário de uma chácara na Água Branca, local onde funcionava a olaria. A estrutura do empreendimento devia ser muito boa, pois havia um anúncio de venda de seus produtos na Rua do Rosário, como vimos.⁷

No ano de 1862, Marcelino estava procurando um administrador para sua olaria, que entendesse do fabrico de tijolos e telhas, prometendo boa remuneração.⁸ Não foi possível precisar a data em que montou sua olaria na chácara na Água Branca. Sabe-se que, em 1854, já era proprietário do imóvel⁹ e, em 1857, aparece como proprietário da olaria, no Almanaque Comercial.

Outros empreiteiros teriam também montado olarias, para atender aos clientes, muitas vezes o próprio governo da província. É o caso de Francisco Taques Alvim, que havia sucedido Marcelino na construção do muro de arrimo do Morro do Carmo e era proprietário de olaria no Campo Redondo. Outro exemplo é Caetano Ferreira Balthar, incumbido de construir o mercado. A chácara de Caetano Ferreira Balthar situava-se entre as Ruas Américo de Campos e Barão de Iguape, estendendo-se até a Rua da Glória. Sua sede ficava na Rua da Glória, nº 106, em cujo local foi instalado, posteriormente, o grupo Escolar da Liberdade (IGEPAC 2-Liberdade).

O tijolo já estava sendo utilizado de forma sistemática na cidade de São Paulo, em meados da década de 1850, como pudemos ver. O *Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de São Paulo* apresenta uma lista de nove olarias, no ano de 1857. Possivelmente, os pequenos fabricantes de tijolos e telhas não eram incluídos naquela publicação, assim como muitas olarias aqui citadas¹⁰. Dentre as olarias mencionadas no almanaque, havia a empresa denominada Viúva Andrade & Filhos, possivelmente uma das maiores fornecedoras de tijolos e telhas para obras de grande porte na cidade (CAMPOS, 1997).

⁷ *Correio Paulistano*, Anúncios, 10/07/1862.

⁸ *Correio Paulistano*, Anúncios, 9/08/1862.

⁹ *Correio Paulistano*, 02/08/1854.

¹⁰ Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de São Paulo – 1857
Fábricas de tijolos, telhas, etc.
Viúva Andrade & Filhos, Várzea da Luz
Francisco Taques Alvim, Campo Redondo
Francisco Antonio Baruel, Barra Funda
Joaquim José Ferreira, Tanque do Arouche
Joaquim Rodrigues Goulart, Freguezia do Ó
Joaquim Floriano de Araújo Cintra, Penha
João Antonio Mendes Pereira, Tatuapé
Marcelino Gerard, chácara da Água Branca
Julião Baptista Soares, Sant'Anna

Curiosamente, não foi publicada a lista das olarias no almanaque do ano de 1858. Nesse mesmo ano, foi colocada à venda a importante e bem estruturada chácara do Pacaembu. Pode-se supor que as construções dessa chácara eram todas de tijolo, já que eram edifícios novos e bem construídos, conforme anúncio. Naquele momento, as edificações de tijolo já eram consideradas mais fortes e resistentes.

Continua estar de negócio a importante chácara do Pacaembú.

Esta chácara, que se acha situada e menos de meia légua de distância desta cidade, tem excellente casa de vivenda com muitas acomodações, estribados para cavalo, senzalas para pretos, tudo novo e bem construído, os principaes fundamentos de uma olaria em ponto grande, cuja máquina de amassar barro deve ser tocada por agoa, e uma plantação de 50.000 pés de chá, 2 a 3.000 ditos de café, além dos mais.

Tem igualmente excellentes pastagens, boas agoas, pedreiras, barro para telha e tijolo, muitos matos, nos quaes se encontra bastante madeira de construção e é muito grande de extensão.

(CORREIO PAULISTANO, Anúncios, 13/02/1858)

Em 1862, a olaria da chácara do Pacaembu funcionava a todo vapor. Há vários anúncios do estabelecimento nos jornais:

Na chácara do Pacaembú precisa-se de officiaes telheiros, que sejam peritos no seu ofício, devendo um, pelo menos, mestre de enformar e queimar. Na mesma chácara, compra-se sendo sadios e moços, e também se os aluga para o serviço da mesma olaria.

J. F. Wanderley

(CORREIO PAULISTANO, Anúncios, 6/06/1862)

Esse anúncio foi veiculado em outras edições do jornal, no mesmo ano de 1862.

A olaria do Pacaembu figura na lista de “Fábricas de telhas e Tijolos”, constante no *Memorial Paulistano* do ano de 1866. Algumas olarias, como a do Pacaembu, deviam ser bastante lucrativas, o que justificaria a permanência do estabelecimento por tantos anos.

Muitos imigrantes alemães e portugueses estiveram envolvidos com a fabricação e comercialização de tijolos e foram proprietários de olarias. Alguns comercializavam o material,

ou mesmo a cal, em sua residência. Esse é o caso do alemão João Pedro Schwindt¹¹ e do provável imigrante português Francisco Gonçalves Pereira.¹²

Ao pesquisar algumas olarias possivelmente de propriedade de alemães, encontramos os nomes de Hermann Bastide, já citado, Frederico Riemann, que tinha uma fábrica mecanizada de tijolos, Hugo Richter, proprietário de uma olaria no Pary, Riesemberg, que era sócio de um Ribeiro, proprietário de uma olaria em Taubaté.

Possivelmente, Frederico Riemann teria vindo para São Paulo pela importação do Vergueiro de 1855. Teria sido o primeiro empreiteiro a ganhar a concorrência para a feitura do Mercado Municipal, por fim executada por Caetano Balthar, proprietário de olaria igualmente.

A mão de obra empregada na feitura de edifícios em tijolo na década de 1850 e posteriores foi, em boa parte, alemã, oriunda do engajamento feito pela Casa vergueiro, em 1855¹³

Possivelmente, o mais empreendedor do setor foi Manfred Meyer, que mantinha uma olaria a vapor no Bom Retiro.

A olaria do Bom Retiro, montada em 1859 e fornecedora do melhor tijolo da cidade, teve papel preponderante na urbanização do bairro, no final do século XIX. Em 1869, a olaria do Bom Retiro foi vendida a João Ribeiro da Silva, que era importador de cimento, tendo montado, ao lado da olaria, uma fábrica de pedra artificial, em 1875 (CAMPOS, 1997).

Havia uma grande olaria a vapor no Pary. Foi localizado um anúncio de venda dessa chácara, de 1862, no jornal *Correio Paulistano*:

¹¹ *Correio Paulistano*, 13/03/1858, Anúncios, p. 4.

¹² DAESP- caixa CO5154, Diretoria de Obras Públicas- 1858-1861, data doc. 06/09/1861.

¹³ BALDIN, Adriane de F. Acosta. Tijolo sobre tijolo – os alemães que construíram São Paulo, ed. Prismas, Curitiba

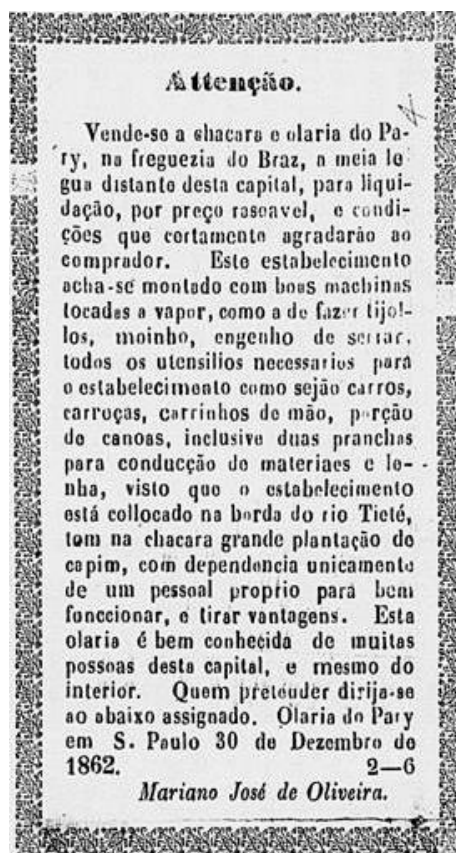


Fig. 1: Correio Paulistano, edição 1995, 31/12/1862.

Como boa parte das olarias da cidade, a olaria do Pary ficava à beira do Rio Tietê e, segundo o *Memorial Paulistano* de 1866, ela ainda pertencia, naquela data, a Mariano José de Oliveira.

Os anúncios de venda de chácaras com olarias, ou mesmo as propagandas de locais que comercializavam tijolos e outros materiais de construção começam a ficar muito frequentes, no final da década de 1850 e início da década 1860. O número de obras feitas em tijolos se avolumou, no final da década de 1850.

Aroldo de Azevedo destaca que, dadas as condições hidrográficas do planalto paulistano, as olarias eram frequentes nas várzeas dos rios, abundantes nas periferias do núcleo central.

Segundo descrição do mesmo autor, veremos que a técnica de fabricação de tijolos e telhas se manteve rudimentar desde 1850 até início do século XX, em algumas regiões periféricas, lembrando que, nas olarias mecanizadas, novas tecnologias estavam sendo aplicadas no fabrico do tijolo. Possivelmente, as olarias maiores, localizadas às margens do Rio

Tietê, assim como a olaria mecanizada do Bom Retiro, ou a olaria do Pacaembu contavam com uma infraestrutura de produção mais modernizada.

Quanto à mão de obra empregada, além da europeia, veremos que, em meados do século XIX, teremos ainda a presença do escravo em boa parte das olarias, executando as telhas e tijolos, bem como do nativo.

As olarias, em consequência dos novos movimentos migratórios, deixam de pertencer somente a alemães e portugueses, passando a ser propriedade também de italianos e espanhóis, no final do século XIX e início do XX.

Esse artigo é parte integrante de um trabalho de pós doutoramento que está sendo desenvolvido pela autora na faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, com patrocínio financeiro da Fapesp. Neste trabalho se está demonstrando que a substituição da taipa pelo tijolo foi um processo que começou a ocorrer na década de 1850 e contou com uma mão de obra alemã e portuguesa, oriunda dos engajamentos feitos pela Casa Vergueiro em 1855, patrocinada pelo governo provincial, para a aquisição de trabalhadores da construção civil para figurarem os quadros de funcionários da província. Naquela década foi montada uma companhia de operários da construção civil com quinhentos integrantes, todos europeus.

A cidade de São Paulo estava sofrendo uma significativa reformulação urbana naquele período, sendo construída em tijolo por artífices alemães e portugueses.

Contava, em meados do século XIX, com, ao menos, vinte olarias em plena produção.¹⁴

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros:

AZEVEDO, Aroldo de. A Cidade de São Paulo – Estudos de Geografia Urbana, vol. IV, Os Subúrbios Paulistanos, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958

¹⁴ Já foram levantadas pela autora vinte e duas olarias, em funcionamento na década de 1850

BALDIN, Adriane Acosta. Tijolo sobre tijolo: os alemães que construíram São Paulo, Curitiba: Prismas, 2014

BASTIDE, Hermman. Tagebuch des Germano (Hermann) Bastide aus Santos, (jan- abril de 1851), Santos: Instituto Martius Staden, 1851

BRUNO, Ernani Silva. História e tradições da cidade de São Paulo. vol. 1 – Arraial dos Sertanistas (1554-1828), vol.2 - Burgos de Estudantes (1828-1872), vol. 3 – Metrópole do Café (1872- 1918), São Paulo de Agora (1918- 1954). São Paulo: Hucitec, 1991.

IGEPAC – Sp 2 – Liberdade, São Paulo: Ensa Oficial, 1987

Teses e dissertações

BALDIN, Adriane de F. Acosta. A presença alemã na construção da cidade de São Paulo entre 1820 e 1860, tese de doutorado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2012

_____. São Paulo em 1860 pelas lentes de Militão Augusto de Azevedo, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – CEATEC – PUCCAMP. Campinas: 2006.

CAMPOS JR, Eudes de Mello. Arquitetura paulistana sob o Império: aspectos da formação da cultura burguesa em São Paulo, tese de doutorado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo: 1997.

_____. A cidade de São Paulo e a era dos melhoramentos materiais – Obras públicas e arquitetura vistas por meio de fotografias de autoria de Militão Augusto de Azevedo, datadas do período 1862-1863. *in* Anais do Museu Paulista, vol. 15, n. 1, São Paulo, jan/jun 2007.

D'ALAMBERT, Clara. Tijolo nas construções paulistanas do século XIX, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo: 1993.

Almanaques

ALMANAQUE COMERCIAL, MERCANTIL E INDUSTRIAL DA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO. São Paulo: Typ. Imparcial de J. R. de Azevedo, ANOS 1857, 1858.

MEMORIAL PAULISTANO PARA O ANNO DE 1866, São Paulo: Confeccionado por J.R. Azevedo Marques, Typ. Imparcial de JR de Azevedo Marques, 1866

Jornais

Correio Paulistano – São Paulo

